

Discriminação e Inclusão (*)

Sempre reflito sobre discriminação e inclusão, e acredito que realmente temos que estar atentos a estas questões do nosso dia-a-dia. Tenho como opinião que o pior da discriminação é o não reconhecimento, a não aceitação das diferenças; é imaginar que todos têm a necessidade, mas que só há um único meio de satisfazê-la.

A discriminação, no que tange à forma de ver o outro como diferente, no meu ponto de vista, não é a principal questão. Creio que o não "aceitar", o não "considerar" a diferença do outro, seja muito pior. Se imaginarmos que nem todos atravessam uma rua da mesma maneira, estaremos nos preocupando em todos os aspectos que envolvem atravessar uma rua e nos recursos que possam ser necessários para que ocorra eficazmente para todos. Atravessar a rua seria o direito igualitário; definir diferentes formas de fazê-lo e propiciar para que todas elas aconteçam com segurança e êxito seria a garantia do cidadão que realmente poderá fazê-lo.

Quando construímos escolas, ruas, edifícios, locais para lazer e recreação ou parques, principalmente em nosso país, fazemos com uma visão unilateral, um tanto caótica das necessidades, com uma visão míope dos "clientes em potencial" que utilizarão esses recursos. O mesmo se dá em relação aos métodos de ensino, às políticas públicas, ao sistema de transporte e saúde, etc, etc e etc.

"Ter acesso" seria o direito igualitário - "acessar" seria o exercício da cidadania.

Nossos direitos estão descritos na Constituição. Então, todos temos direitos. Mas como exercitá-los? Onde eles estão disponibilizados para todos? E quando se fala em "todos", o que isso significa?

(*) Eliana de Oliveira Pinto Victor

Gerente da Divisão de Reabilitação Profissional da AVAPÊ

Membro da Comissão de Educação, da Rehabilitation International